




A Nova Esquerda europeia e estadunidense e as ideias de Thompson e Marcuse

Antonio de Pádua Borchelt Camêlo

Doutorado em História pela Ruhr-Universität Bochum, Alemanha (2023), e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo - Unifesp (2013).

 0000-0002-4758-4627

 <https://doi.org/10.28998/rchv15n30.2024.0004>

Recebido em 30/06/2024

Aprovado em 28/11/2024



A Nova Esquerda europeia e estadunidense e as ideias de Thompson e Marcuse

RESUMO

Baseado em um amplo estudo bibliográfico, este artigo trata do fenômeno político da assim chamada Nova Esquerda, existente na Europa e nos EUA entre as décadas de 1950 e 1960. Nosso objetivo é divulgar as experiências e ideias que marcaram esse fenômeno político. Com isso, busca-se contribuir para as análises sociais, políticas e históricas sobre a esquerda e, em particular, expandir a literatura acadêmica nacional sobre a Nova Esquerda, de modo a preencher uma importante lacuna na bibliografia brasileira e oferecer novos subsídios e perspectivas para a compreensão desse importante fenômeno político internacional. Para tanto, são analisados os casos francês, britânico e estadunidense, a fim de ilustrar a evolução histórico-político-social desta espacialidade política heterogênea, possibilitando traçar paralelos entre esses exemplos. Ao mesmo tempo, são apresentadas as ideias e as reflexões políticas de Thompson e Marcuse sobre a Nova Esquerda em nível internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Nova Esquerda; E. P. Thompson; Herbert Marcuse

The European and US New Left and the ideas of Thompson and Marcuse

ABSTRACT

Based on an extensive bibliographical study, this article deals with the political phenomenon of the so-called New Left that existed in Europe and the USA between the 1950s and 1960s. Our aim is to disseminate the experiences and ideas that marked this political phenomenon. With this, we seek to contribute to the social, political and historical analysis of the left and, in particular, to expand the national academic literature on the New Left, in order to fill an important gap in the Brazilian bibliography and offer new subsidies and perspectives for understanding this important international political phenomenon. To do this, the French, British and US cases are analysed in order to illustrate the historical-political-social evolution of this heterogeneous political space, making it possible to draw parallels between these examples. At the same time, the ideas and political reflections of Thompson and Marcuse on the New Left at an international level are presented.

KEYWORDS: New Left; E. P. Thompson; Herbert Marcuse

Introdução

Este artigo apresenta uma abordagem do fenômeno histórico da *Nova Esquerda* (NE) no contexto europeu e estadunidense, ou do assim chamado Norte Global, com base nos estudos dos exemplos francês, britânico e estadunidense da NE, entre as décadas de 1950 e 1960. Nosso objetivo é trazer as experiências e ideias desse fenômeno político para o presente, apresentando suas coordenadas ideológicas, de tal modo que seja possível contribuir para os estudos sociais, políticos e históricos acerca da esquerda em geral, ampliando, assim, a literatura acadêmica brasileira sobre o tema em questão, para a qual não há bibliografia significativa disponível no Brasil.

Cerca de 70 anos nos separam da NE, uma espacialidade política heterogênea que gerou um imaginário político-ideológico com pretensões hegemônicas no espectro da esquerda em nível global. Caracterizada por diferentes formas de organização, objetivos programáticos e produções teóricas, a *Nova Esquerda* gestou um conjunto de experiências que foram compartilhadas no plano de relações transnacionais. Com a última década testemunhando a ascensão global de grupos, partidos e movimentos que comumente compõem aquilo que é conhecido como a *Nova Direita* – um fenômeno que não aparenta ser algo que desaparecerá em breve –, o retorno ao que antes era conhecido como *Nova Esquerda* assume um significado especial, não como contraponto entre o bem e o mal, mas como um exercício de resgate de experiências históricas que deixaram marcas profundas em diferentes latitudes.

Tendo em vista que a maneira como alguns eventos do século XX se desenrolaram possibilitou a construção de histórias e significados globais compartilhados, George Katsiaficas, aluno de Herbert Marcuse, formulou sua análise da *Nova Esquerda* em nível global, partindo do pressuposto de que, desde a Segunda Guerra Mundial, seria “cada vez mais difícil analisar os movimentos sociais dentro dos limites de um estado-nação. Os eventos que catalisam os movimentos sociais hoje em dia são frequentemente internacionais” (Katsiaficas, 1987, p. 3). Muito cedo, quando a NE estava desenvolvendo suas atividades em nível internacional, o sociólogo alemão Andreas von Weiss apontou, em 1969, para a aparição de um movimento em nível global (Weiss, 1969).

Com o objetivo de lançar luz sobre a NE europeia, este artigo vale-se de uma extensa pesquisa bibliográfica para ampliar nosso conhecimento sobre o assunto e está dividido em quatro partes: a primeira está dedicada a breves considerações

metodológicas acerca do tratamento adequado da *Nova Esquerda*. A segunda apresenta um quadro geral de acontecimentos históricos que contribuíram para o surgimento da *NE* em nível internacional. A terceira delas aborda o conceito, melhor dizendo, o fenômeno histórico da *NE* em nível internacional, analisando três casos, o francês, o britânico e o estadunidense. Essa parte baseia-se no trabalho de vários autores, como por exemplo, Stuart Hall, Claude Bourdet, E. P. Thompson, os quais não foram apenas intelectuais renomados em vários campos das ciências humanas e sociais, mas também foram membros ativos da *NE* desde a década de 1950 até a década de 1960. A quarta e última parte realiza uma apresentação de algumas ideias e reflexões políticas de E.P. Thompson e Herbert Marcuse sobre a *Nova Esquerda* como um fenômeno global. Suas contribuições foram desenvolvidas a partir de uma perspectiva crítica e antidogmática em relação à chamada *Velha Esquerda (VE)*. Ambos os autores são abordados aqui porque se destacaram por suas posições intelectuais na *NE europeia e estadunidense*. Acreditamos que, com este artigo, podemos contribuir para os estudos brasileiros no entendimento da peculiaridade da política e da história do pensamento de esquerda em nível internacional.

Breves esclarecimentos analíticos

No presente artigo trabalhamos com o conceito de espacialidade política como uma unidade de análise e como uma ferramenta de investigação diante da confusão teórica e metodológica sobre a *NE* em nível internacional. Na maioria dos trabalhos, cujos autores se dedicaram à pesquisa da *NE*, esta é vista como um “movimento de movimentos” ou um movimento político, assim como um movimento de protesto político e social ou mesmo como um movimento armado (Gosse, 2005^a, 2005^b; Tortti, 1999, 2007; Hilb;Lutzky, 1984). Em outros casos, a *NE* é interpretada como um movimento de renovação cultural da esquerda (Terán, 1991), e assim por diante.

Em geral, os estudiosos que usam esses termos não definem o que querem dizer com eles, nem explicam por que a *NE* deva ser definida dessa forma. Sem entrar em detalhes – pois isso faz parte de outro artigo nosso – um “movimento social” pode ser entendido como uma rede de indivíduos, grupos e organizações com base em uma identidade coletiva e cujos membros têm como objetivo alcançar uma mudança social fundamental (Berger; Cornelissen, 2021) e, portanto, pode ser considerado uma entidade diversa e relativamente isolada, seja um movimento sindical, um movimento

de mulheres, um movimento pela paz ou um movimento antirracismo (Barker, 2014, p. 7). Portanto, se olharmos para a *NE* como um movimento social, será muito difícil vê-la como um movimento isolado, como se tivesse apenas um campo de ação e um tema geral. E, isso deve ser enfatizado, porque os diferentes partidos ou grupos políticos que faziam parte dessa espacialidade política estavam envolvidos em diferentes frentes de ação – eleitoral ou extraparlamentar – e, portanto, não tinham uma prática baseada em um único e exclusivo campo de luta – fosse ele antirracista, ecológico ou feminista.

Também constitui uma inconsistência teórica e metodológica definir a *NE* como um “movimento de protesto”. Essa inconsistência fica evidente na medida em que entendamos – seguindo o sociólogo alemão e estudioso de movimentos sociais, Dieter Rucht – que “uma mobilização de massa contra uma regulamentação”, contra, por exemplo, uma “restritiva do aborto ou contra um acordo internacional de livre comércio” é o que em geral pode ser compreendido como sendo um “movimento de protesto”, ao passo que um “movimento de massa dirigido principalmente contra uma sociedade feudal, capitalista, neoliberal ou mesmo patriarcal é um movimento social” (Rucht, 2023, p. 26, tradução própria). Baseado no raciocínio que esse sociólogo apresenta, é de fato inadequado e pouco preciso retratar a *NE* como um movimento de protesto (político, social ou cultural), como se ela fosse uma mobilização de massas, grupos, organizações de todos os tipos etc. que lutam por um objetivo específico.

Em geral, o uso do conceito “movimento” para caracterizar o objeto “nova esquerda” é algo que não permite alcançar plenamente o significado histórico, político e cultural de tal objeto. Por esse motivo, desenvolvemos a ferramenta conceitual de **espacialidade política** como uma unidade de análise adequada para lidar com o tema da *Nova Esquerda*. Essa unidade de análise baseia-se, por um lado, no trabalho de Milton Santos sobre o **espaço social** como algo que vai além de um mero “suporte biológico dos grupos humanos” (Santos, 2004, p. 208), e, por outro lado, nas contribuições feitas por E.P. Thompson (1995) acerca do conceito de *experience* e nas críticas construtivas feitas por Perry Anderson (1980) a tal conceito a partir do conceito de *agency*.

Assim, argumentamos que a produção e a reprodução do espaço social não são apenas atravessadas por conflitos de interesse de classes e frações de classe diferentes e antagônicas, como também possibilitam o surgimento de **espacialidades políticas**: 1) na qual **experiências** e **ações** comuns são condicionadas por diferentes objetivos (conscientes ou inconscientes); 2) que se caracterizam por certas coordenadas políticas

comuns; 3) que assumem a forma de um todo com um caráter **histórico-transitório** em nível nacional ou transnacional; 4) nas quais estão envolvidas diferentes formas de organização (partidos políticos, sindicatos, organizações de movimento, movimentos sociais organizados, redes, revistas, indivíduos etc.).

Desde que entendamos a *Nova Esquerda* como uma espacialidade política, a chamada *Velha Esquerda* também pode ser analisada como tal, uma vez que tanto a *Velha* quanto a *Nova Esquerda* são entendidas como parte da **territorialidade política** da esquerda em sua generalidade – mais precisamente aqui, como parte das tendências comunista ou socialista em geral (seja stalinista ou não, seja social-democrata ou não) até meados da década de 1970 na Europa.

O surgimento da Nova Esquerda em nível internacional: eventos importantes

Para que possamos entender o que foi a *Nova Esquerda europeia e estadunidense*, e até mesmo a *NE* em nível internacional, convém levar em conta certos eventos históricos que contribuíram para seu surgimento e desenvolvimento. Dessa forma, faz-se necessário delinear alguns desses eventos e mostrar por que eles foram fundamentais para a emergência dessa nova espacialidade política.

Os anos da Guerra Fria não foram, de forma alguma, caracterizados por baixas temperaturas (político-militares), por mais que a referência ao frio fosse uma tentativa vazia de eliminar os confrontos reais e muito quentes. Foi exatamente nessa época que a *Nova Esquerda (NE)* surgiu em nível global, sendo marcada pelo grande e longo conflito mundial entre os dois blocos de poder que surgiram após a Segunda Guerra Mundial.

Segundo Geoff Eley (2002), a Guerra Fria foi uma espécie de condição limitadora, um binário disciplinar para os movimentos de resistência que atuavam em ambos os lados dos blocos em conflito. Para este historiador britânico, o poder que a esquerda havia adquirido na luta contra o nazi-fascismo durante a Segunda Guerra Mundial foi combatido no período pós-guerra, resultando na liquidação dos desejos de mudança que haviam surgido nas lutas de resistência político-militar (ELEY, 2002, p. 301).

Assim como as tensões desencadeadas pela Guerra Fria deram o tom para o cenário de perseguição política às diversas formas de manifestações político-sociais ligadas à esquerda nos dois blocos de poder e se tornaram um fator decisivo para o

nascimento de uma *Nova Esquerda*, também é correto ressaltar que o *boom* econômico dos Anos Dourados, que atingiu todas as áreas da vida cotidiana e lhe deu uma nova face por meio de uma explosão tecnológica, foi, sem dúvida, outra importante condição *sine qua non* para o surgimento da *NE*.

O historiador Eric Hobsbawm faz uma descrição interessante de como os mais diversos campos de experiência da vida cotidiana foram afetados naquela época. O contato entre as pessoas era extremamente diferente das décadas anteriores a 1950. Tanto as viagens com o objetivo de turismo quanto a possibilidade de viajar para determinados lugares distantes da cidade foram o produto de uma revolução no transporte, possibilitada pela indústria automobilística – seja o transporte por carro na Europa e nos EUA ou por caminhões e ônibus para o transporte de passageiros na América Latina. As possibilidades criadas pelos avanços tecnológicos nos meios de comunicação permitiram que ideias e debates políticos e científicos circulassem e alcançassem inúmeros lugares e pessoas em todo o mundo. Como resultado, as filmagens da Guerra do Vietnã afetaram uma sociedade como a estadunidense, a tal ponto que os EUA tiveram de lidar internamente com os movimentos sociais que exigiam o fim da guerra e, ao mesmo tempo, direitos iguais para a população negra do país (Hobsbawm, 1995).

A circulação de periódicos para transmitir as ideias de diferentes organizações e grupos políticos e sociais (Carreras, 2003) cresceu com o desenvolvimento de métodos mais simples de publicação mais rápida e barata, que se encaixavam, exatamente, na forma como as universidades deveriam ser constituídas no período da Guerra Fria, ou seja, como grandes conglomerados que reuniam jovens e professores capazes de desafiar a sociedade capitalista da época (Hobsbawm, 1995).

Não foi o acaso nem uma vontade ou um desejo pessoal que fez com que grupos e indivíduos de diferentes tendências políticas – guevaristas, trotskistas, cristãos, nacionalistas etc. – convivessem na mesma espacialidade política. Desde 1943, havia um vácuo onde antes existia uma organização importante: a Terceira Internacional (Komintern), cuja função não era apenas vincular diferentes experiências nacionais e continentais, mas também, orientar as lutas e os objetivos em relação às ordens e aos interesses do *Partido Comunista da União Soviética* (PCUS). O mesmo pode ser dito do Kominform (*Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários*), que foi dissolvido em abril de 1956 e cuja função era fazer a ligação entre os partidos comunistas da Europa (Eley, 2002, p.300). Com o fim do Komintern, de um dia para o

outro, o que antes era uma organização internacional deixou de existir. Os partidos comunistas espalhados pelo mundo se constituíram como partidos comunistas independentes (Claudin, 2013).

A ausência dessa organização em nível internacional gestou a possibilidade de futuras rupturas e saídas em massa de militantes insatisfeitos com as políticas adotadas pelos partidos comunistas de cada país. Além disso, a desintegração do aparato stalinista internacional também significou a ruína de uma certa forma de internacionalismo que existira na esquerda até então. Isso foi descrito em 1968 por Daniel Bensaïd, na época um jovem intelectual e ativista francês que, sob a impressão dos grandes eventos daquele ano, disse que a queda do monopólio stalinista liberou energias revolucionárias que seriam as portadoras de um novo internacionalismo (Bensaïd & Weber, 1968, p. 18).

O sentimento de pertencer a uma organização poderosa não existia mais. Agora havia espaço para críticas individuais e coletivas aos partidos locais. Aqueles que criticassem um determinado partido/seção da Terceira Internacional não se sentiriam mais como se estivessem impotentes. Isso é algo que Edward Palmer Thompson enfatizou quando disse que a Komintern estava obscurecendo, violentamente, a possibilidade de redescobrir objetivos e princípios comuns que iam além do horizonte da ortodoxia comunista (Thompson, 1959).

A política de conciliação de classes e coexistência pacífica com as potências imperialistas, que já havia sido desenvolvida durante a Segunda Guerra Mundial, só ganharia grande importância para as rupturas dentro dos partidos comunistas após as declarações de Nikita Khrushchev no XX Congresso do PCUS em 1956, treze anos após a dissolução do Komintern. Historicamente, o ano de 1956 parece ser decisivo para as rupturas que provocaram a formação de uma nova espacialidade política de esquerda (Schildt, 2002). Não que outros fatores anteriores não tenham sido decisivos, como o caso já mencionado da dissolução da Terceira Internacional. Tanto as declarações de Khrushchev quanto a invasão da Hungria foram eventos que caracterizaram aquele ano, e seus desdobramentos foram profundamente sentidos pela esquerda internacional; tanto que Ellen Meiksins Wood destacou nas páginas da *Socialist Register* – fazendo referência a *Nova Esquerda britânica* – que esse ano foi central para a “odisseia da esquerda ocidental” (Meiksins Wood, 1995, p. 22, tradução própria).

Em meio a esses eventos de 1956, que não foram tratados de maneira transparente e democrática dentro dos vários partidos comunistas, surgiram setores críticos dentro da *Velha Esquerda (VE)* que reivindicavam um pensamento marxista aberto capaz de oferecer uma alternativa real ao stalinismo e à social-democracia. Diante desses importantes acontecimentos daquele ano, manifestou-se um sentimento que Stuart Hall descreveu como o “fim de um certo tipo de inocência socialista” (Hall, 2010, p. 177, tradução própria).

Em geral, os eventos de 1956 fazem parte de uma complexa série, rede, que inclui muitos outros que, em seu conjunto, provocaram mudanças na esquerda em nível mundial e contribuíram para a formação da *NE*. A tabela a seguir lista esses eventos:

Tabela I – Eventos na formação da Nova Esquerda¹

1943	A dissolução da Terceira Internacional
1949	A Revolução Chinesa
1953-1959	A Revolução Cubana
1954-1962	A Revolução de libertação da Argélia
1955-1975	A Guerra do Vietnã
1956	XX. Congresso do Partido do PCUS
1956	A dissolução do Escritório de Informações Comunistas
1956	A invasão soviética da Hungria
1956-1957	A crise de Suez

É evidente que não é a mesma situação quando falamos sobre a Guerra do Canal de Suez ou a Revolução Cubana. O significado dessa guerra, desencadeada pela frente imperialista emergente composta por França, Grã-Bretanha e Israel contra o Egito de Nasser, foi crucial para o surgimento, por exemplo, da *NE britânica*. O mesmo pode ser dito sobre a importância da Revolução Cubana para a *NE estadunidense*.

Quanto à comparação histórica de determinados eventos no surgimento da *NE europeia* ou dos Estados Unidos, Kepa Artaraz fez uma observação interessante. Ele destacou que, se a proximidade e os vínculos históricos forem considerados, pode-se até dizer que o que a Revolução Cubana representou para os EUA e sua *NE*, as lutas de libertação do povo argelino representou o mesmo para a França e também para a *NE francesa* (Artaraz, 2009, p. 70).

¹ Tabela desenvolvida pelo próprio autor do presente artigo.

A questão de como esses eventos históricos têm a ver com a formação da *NE* precisa ser aqui respondida. De uma forma ou de outra, parece que um dos pontos centrais que conecta todos à formação da *NE* diz respeito à *Velha Esquerda* e as velhas respostas “hegemônicas” desta última, em face dos eventos históricos mencionados. O relato de Geoff Eley elucidava essa questão:

Perversamente, essas perturbações dramáticas confirmaram a estabilidade duradoura do acordo de 1945, com cada lado concedendo tacitamente a liberdade de ação do outro – a da URSS na Europa Oriental, a do Ocidente no mundo colonial e pós-colonial. Mas essa mesma coincidência de ações policiais acabou destruindo as disciplinas da Guerra Fria, deixando um novo espaço de oposição além das linhas de batalha comunista e social-democrata. Se o comportamento soviético comprometeu desastrosamente a credibilidade remanescente do comunismo, os equívocos das lideranças socialistas e trabalhistas de direita em relação à invasão de Suez renovaram uma crítica anti-imperialista não comunista. Enquanto a esquerda britânica se manifestava a favor de um cessar-fogo em Suez em 4 de novembro, o Exército Vermelho estava entrando em Budapeste, e essa dolorosa simetria inspirou o surgimento de uma nova esquerda (Eley, 2002, p. 332, tradução própria).

O caso de Suez, no qual algumas das potências europeias vitoriosas do período pós-guerra estavam envolvidas, foi visto por um grande número de ativistas de esquerda britânicos e franceses, velhos e jovens, como uma prova de que, sob o signo do capitalismo – inclusive onde houvesse um Estado de bem-estar social –, as intenções destrutivas e exploradoras de subjugar outros povos/países não eram uma característica da era colonial que, junto com o fascismo/nazismo, havia ficado no passado. Seja como for, tanto o imperialismo britânico/francês quanto a dominação stalinista tornaram-se intoleráveis quando confrontados com esses acontecimentos (Artaraz, 2009). Portanto, as ações dos partidos social-democratas e comunistas europeus diante dos casos do Canal de Suez, da invasão da Hungria como, também, da guerra da Argélia, não representaram uma perspectiva emancipatória para os setores críticos das práticas da *Velha Esquerda*.

A atitude do *Partido Comunista Francês* em relação aos acontecimentos na Argélia demonstrou o pouco interesse desse partido em romper com as práticas coloniais e os arranjos políticos da estrutura política francesa. O fato de que, na França, nem o *Partido Comunista* nem o *Partido Socialista* representavam uma alternativa ao domínio burguês, era motivo de reprovação para a *NE* naquele país. É interessante o

que Claude Bourdet, um dos fundadores da *NE francesa*, disse sobre isso. Em sua opinião, os partidos da *Velha Esquerda*, o *PC* e o *PS*, também eram responsáveis pelo “estado sombrio da vida política contemporânea na França” (Bourdet, 1957, p. 13, tradução própria), pois a condição desanimadora da vida política francesa era vista como resultado tanto de uma orientação errada, assim como dos erros dos dois principais partidos de esquerda (*PC* e *PS*).

A Guerra do Vietnã e a Revolução Cubana desempenharam um papel igualmente importante na formação de uma *Nova Esquerda* em nível internacional; mas os efeitos desses eventos foram sentidos, principalmente, nos EUA. Não é exagero dizer que foi a resistência e luta do povo vietnamita à dominação estrangeira, principalmente a dominação estadunidense, que mobilizou grande parte dos protestos e movimentos sociais no exterior na década de 1960. A luta pela libertação nacional e pelo socialismo travada pelo Vietnã do Norte e pela Frente Nacional para a Libertação do Vietname (Visentini, 2008) tornou-se o símbolo de uma geração de ativistas, organizações políticas, grupos e movimentos sociais que se contrapunham à maneira como as classes dominantes de vários países capitalistas avançados estavam administrando a vida de diferentes povos, por meio de invasões e genocídios.

No caso de vários setores sociais nos EUA que lutaram contra a segregação racial e pela construção de um tipo de democracia direta que permitisse a participação de todos nas decisões do país, o Vietnã foi o símbolo concreto da possibilidade de se lutar e enfrentar o império capitalista mais poderoso, também desde dentro.

Se os acontecimentos no Vietnã serviram como uma fonte permanente de mobilização política contra os países capitalistas ocidentais do Norte Global, a Revolução Cubana adquiriu o status de uma possível alternativa às aspirações da *NE*. Aquilo que parecia impossível e que era negado pela ortodoxia comunista de acordo com o seu esquema de ação – para o qual a revolução deveria passar por certos estágios/etapas –, aconteceu bem no “quintal” dos poderosos EUA.

Entre as lições práticas dessa revolução para a *NE* em nível internacional – e, sobretudo, para a latino-americana – duas devem ser enfatizadas aqui. A primeira lição dos acontecimentos em Cuba foi a possibilidade de revolução. Esse foi um duro golpe para a doutrina das revoluções em etapas e para a crença de que as revoluções na América Latina deveriam ser democrático-burguesas e não socialistas, como era o credo da maioria dos partidos comunistas. Uma segunda lição, entrelaçada com a primeira, foi a convicção de que as burguesias nacionais não poderiam ser deixadas

com a tarefa decisiva da orientação da nova Cuba e, portanto, de qualquer outro país latino-americano.

Da ilha veio a mensagem da construção do “hombre nuevo”, que atraiu a atenção dos grupos e organizações, assim como de jovens, revistas e personalidades vinculados à esquerda em geral e, em particular, à *Nova Esquerda*. As ideias desenvolvidas por Che Guevara sobre o trabalho voluntário, que seria uma das formas pelas quais o novo seria criado, rompendo com a divisão social do trabalho (manual e intelectual) – que era entendida como a parte das raízes da alienação –, tiveram forte ressonância no nível internacional da *NE*. Não foi por acaso que Sartre visitou a ilha e escreveu sobre suas experiências lá. Entretanto, suas impressões foram um pouco mais vagas do que o que o próprio Guevara escreveu sobre a ideologia da Revolução Cubana no ano da visita do filósofo francês (Guevara, 1967, p. 11-12).

Depois de termos fornecido uma visão geral de alguns dos eventos históricos que contribuíram para o surgimento e o desenvolvimento da *NE* em nível internacional, passamos agora a tratar de alguns casos da *Nova Esquerda europeia e estadunidense*.

A Nova Esquerda e os casos francês, britânico e estadunidense

Embora possam ter existido várias nomenclaturas para a *Nova Esquerda* – como “Esquerda Radical, Novos Radicais, Radicais e Neomarxistas” (Weiss, 1969, p. 16, tradução própria) –, é fundamental apresentar aqui, pontualmente, o que alguns membros dessa nova espacialidade política escreveram sobre ela. Em 1957, Claude Bourdet publicou um relevante artigo que trazia à tona o tema da *NE* nas páginas da revista britânica *Universities & Left Review*. Nessa publicação novo-esquerdista, ele escreveu que a *NE* era um “novo fenômeno” que correspondia a uma “terceira corrente socialista”² composta por “ex-comunistas e socialistas”, juntamente com partidos e jovens militantes que vinham de setores cristãos católicos. Na sua definição de “terceira corrente”, a *Nova Esquerda (nouvelle gauche)* era caracterizada por uma política anticolonialista que, entre outras coisas, também lutava por uma Europa independente, além de ter uma perspectiva anti-stalinista (Bourdet, 1957, p. 16). Stuart

² É importante destacar aqui que por *terceira corrente socialista, terceira posição* ou *terceiro caminho* não se quer dizer “eurocomunismo” ou “terceira via” construída por Tony Blair (Antunes, 1999).

Hall, um dos fundadores da *NE britânica*, escreveu que ela buscou se estabelecer como “terceira posição” e que, para isso, tomou o caso francês e o próprio Claude Bourdet como exemplo, como uma alternativa à *Velha Esquerda (VE)*:

O termo “Nova Esquerda” é comumente associado a “1968”, mas para a geração da Nova Esquerda de 1956, “1968” já era uma segunda, talvez até uma terceira, mutação. Na década de 1950, tomamos emprestada a expressão do movimento conhecido como *nouvelle gauche*, uma tendência independente na política francesa associada ao jornal semanal *France Observateur* e seu editor, Claude Bourdet. Figura de destaque na Resistência Francesa, Bourdet personificou a tentativa, após a guerra, de abrir um “terceiro caminho” na política europeia, independente das duas posições dominantes da esquerda, o stalinismo e a social-democracia, além dos blocos de poder militar da OTAN e do Pacto de Varsóvia, e em oposição às presenças americana e soviética na Europa. Essa “terceira posição” era paralela às aspirações políticas de muitas das pessoas que se uniram para formar a Nova Esquerda britânica inicial (Hall, 2010, p. 177-178, tradução própria.).

A maneira como Stuart Hall retrata a *NE britânica* aponta para alguns elementos comuns da *NE* europeia, dos quais a tentativa de construir uma política independente (terceiro caminho) aparece como uma característica importante da *NE*, seja ela britânica (*new left*) ou francesa (*nouvelle gauche*) – “novo espaço de oposição” aberto pela Guerra Fria (Eley, 2002, p.332). Outro destacado membro dessa “terceira posição”, E. P. Thompson, escreveu que *NE* se encontrava à margem da disputa tradicional entre social-democratas e comunistas (Thompson, 1959); enquanto Herbert Marcuse, um dos nomes mais conhecidos da *NE alemã e estadunidense*, disse, de forma semelhante, em 1975, que os grupos políticos da *NE*, no caso estadunidense, estavam “situados à esquerda dos partidos comunistas tradicionais” (Marcuse, 1979, p. 3, tradução própria).

Quanto ao nascimento desta espacialidade política, deve ser destacado que ela não surgiu do nada. Analisando os casos francês e britânico, vemos que o aparecimento dela esteve marcado pelas rupturas que caracterizaram várias organizações da *Velha Esquerda*, nos anos entre as décadas de 1950 e 1960. Como resultado, as contradições que existiam na própria *VE* permaneceriam presentes de diferentes maneiras na *NE*.

Descrevendo como a *Nova Esquerda* se encontrava organizada em diferentes lugares, assim como tratando de algumas dificuldades que ela tinha em diferentes territórios, E. P. Thompson apresentou um leque acerca das várias formas organizativas, fossem revistas ou até mesmo partidos, que correspondiam a esse novo fenômeno global.

Na França, nossos camaradas lutam contra uma censura errática e cruel. Lá, eles se apresentam como um partido distinto (a União Socialista de Esquerda) com pouca influência eleitoral, mas com periódicos amplamente influentes (notadamente o *France-Observateur*). Na Itália, a tendência da “Nova Esquerda” pode ser encontrada entre elementos dos Partidos Socialista e Comunista, e é expressa em mais de uma revista teórica séria. Na Rússia e em grande parte da Europa Oriental, nossos camaradas pressionam contra as barreiras da inércia editorial e contestam a ortodoxia do Estado de uma centena de maneiras tortuosas; na China e no Vietnã, eles estão sendo 'reeducados' nas comunas e nas represas – um processo que pode não ser tão unilateral quanto seus educadores esperam (Thompson, 1959, p. 8, tradução própria).

A fim de estabelecer um quadro geral de referência sobre a *NE*, alguns de seus casos do Norte Global mais conhecidos, como o francês e o britânico, serão em parte apresentados aqui. Entretanto, a decisão de analisar esses exemplos não é arbitrária, mas se baseia no fato de que os vínculos e as influências dessas experiências, francesa e britânica, têm conexões importantes que contribuíram para a consolidação desta espacialidade política em nível internacional.

O caso francês

Quando Stuart Hall (2010) tratou da *Nova Esquerda britânica*, ele apresentou um pouco da origem do termo *new left*. Em seu relato, que assume o caráter de uma recuperação histórica de uma experiência coletiva, ele aponta para aquilo que estava se desenvolvendo na França na década de 1950, em torno de figuras como Claude Bourdet e a revista que ele editava, a famosa *France Observateur* – a princípio conhecida como *L'Observateur*, e, por fim, *Nouvelle Observateur*. Como já mencionado, Bourdet, esse revolucionário francês, descrito por Kepa Artaraz (2009) como um cristão de esquerda, falou da *NE* como uma terceira via, ou uma terceira posição, em contraponto às ortodoxias stalinistas e social-democratas. Já em 1958, apenas dois anos após as revelações dos crimes atribuídos a Stalin, o sociólogo franco-americano Charles A. Micaud descreveu a *NE francesa* nas páginas da *World Politics*, uma revista que na época ainda era publicada pelo Centro de Estudos Internacionais (CIS) da Universidade de Cambridge. Em seu texto sobre esse fenômeno político, ele escreveu que o termo *Nouvelle Gauche* se referia a “um estado de espírito”:

O termo “Nova Esquerda” designa um estado de espírito – o desejo de acabar com a divisão e a impotência da velha esquerda – e não um setor definido do espectro político. Na verdade, ele tem sido usado em três contextos diferentes. Em seu sentido mais específico, significa a Nouvelle Gauche por trás de Claude Bourdet e seu semanário neutralista, France-Observateur. Em seu sentido mais amplo, inclui todos os rebeldes da esquerda, desde os seguidores reformistas de Mendes-Franco até os marxistas revolucionários não comunistas. Finalmente, o termo pode designar – e é assim que ele é usado aqui – os grupos que ocupam a terra de ninguém entre os socialistas e os comunistas (Micaud, 1958, p. 537, tradução própria).

As coordenadas apresentadas por Micaud, embora contraditórias em alguns pontos, configuram-se como elementos importantes para a compreensão da *NE francesa*, que foi a primeira a se autodenominar com esse nome. A abordagem desse sociólogo é relevante porque adota uma posição crítica em relação a essa espacialidade política. Além disso, o texto de Charles A. Micaud vai na mesma direção do artigo de Claude Bourdet publicado apenas um ano antes na *Universities & Left Review*, o qual parece como uma cartografia política da esquerda francesa:

Em primeiro lugar, a Nouvelle Gauche, cujos membros são, em sua maioria, ex-comunistas e socialistas, muitos deles ex-membros da Juventude Socialista, que foi dissolvida e mencionada anteriormente neste artigo. Em segundo lugar, temos a Jeune République, um partido de esquerda tradicional de origem socialista-cristã, herdeiro do pensamento esquerdista e anticlerical tradicional dos intelectuais católicos franceses. Em terceiro lugar, há o Mouvement de Libération du Peuple, uma organização que evoluiu de uma seção da Juventude Operária Católica para um movimento político não confessional e que agora se opõe de fato à influência política da Igreja Católica (Bourdet, 1957, p. 15-16, tradução própria).

No quadro apresentado por Bourdet, a *NE francesa* teria sido composta por uma grande camada de indivíduos e organizações de diferentes tradições políticas e sociais. Em contraste com sua análoga em solo britânico, a francesa consistia também de organizações políticas que não eram apenas de caráter propriamente estudantil ou intelectual, coisa que até aquele momento parecia ser o caso da *NE britânica* (Gilcher-Holtey, 2001). Ora, na França podemos observar a ação de um importante partido cujo objetivo era desenvolver uma política que unisse tanto os setores que haviam rompido com o *Parti Communiste Française (PCF)* assim como os jovens que estavam insatisfeitos com as políticas da *Velha Esquerda* (Artaraz, 2009).

O partido o mais conhecido da *NE francesa* fora o *Parti Socialiste Unifié-PSU* (*Partido Socialista Unido*), fundado em 1960. Nele interagiam várias tendências provenientes de três organizações: 1) do *Parti Socialiste Autonome-PSA* (*Partido Socialista Autônomo*), que havia se separado da *Section française de l'Internationale ouvrière-SFIO* (*Seção Francesa da Internacional dos Trabalhadores*); 2) a organização *Tribune Communiste-TC* (*Tribuna Comunista*), resultado de uma cisão no *Parti Communiste Française-PCF* (*Partido Comunista Francês*); 3) e o *Parti d'Union de la Gauche Socialiste-UGS* (*Partido União da Esquerda Socialista*), no centro do qual estavam Claude Bourdet e o movimento *Nouvelle Gauche* (Artaraz, 2009; Micaud, 1958; Thompson, 1996; Singer, 1971).

Segundo a historiadora alemã Susanne Götze, o *PSU* foi uma espécie de “reservatório de diferentes correntes de esquerda” e um “laboratório intelectual” (Götze, 2013, p. 305), no qual um “conjunto de vários círculos intelectuais, revistas, escritores, grupos de ação e acadêmicos” pretenderam “romper, expandir e revisar as ideias tradicionais de esquerda sobre democracia e organização econômica” (Götze, 2013, p. 306, tradução própria). Em 1971, alguns anos após aquele turbulento ano de 1968 na França, o jornalista Daniel Singer, que havia sobrevivido à invasão nazista da Polônia com sua família, também apresentou uma descrição sobre o *PSU* na prestigiada revista *Socialist Register*. Segundo ele, “ao analisar as forças políticas que estão surgindo à esquerda do *PCF*, é preciso reservar um lugar à parte para um partido socialista de esquerda pequeno, mas dinâmico, que ainda está buscando sua identidade” (Singer, 1971, p. 236, tradução própria). Embora fosse um partido pequeno, com o tempo o *PSU* passou a liderar manifestações de massa. O partido também teria trazido, segundo Singer, para o cenário político francês questões importantes relacionadas à vida cotidiana da população, como transporte, condições de trabalho dos imigrantes, moradia e muitas outras (Singer, 1971).

O clima político da época, que se caracterizava pela possibilidade de um governo fascista, parece ter acelerado a formação de um partido da *NE* na França, como sugere Victor A. Velen, para quem tanto a possibilidade do fascismo como tema político quanto os eventos que envolveram a guerra da Argélia foram elementos decisivos para o surgimento desta *NE francesa* (Velen, 1961, p. 73). De acordo com Velen (1961), o sistema partidário francês se mostrou ineficiente e incapaz de encontrar respostas adequadas para os problemas apresentados pela tecnologia moderna, pela Guerra Fria e pela revolta dos países colonizados. Um número crescente de jovens,

portanto, não estava se identificando nem com as soluções ideológicas republicanas do período anterior à guerra nem com as soluções dos antigos partidos de esquerda com relação a esses problemas.

Analisando a *NE francesa*, o historiador basco Kepa Artaraz (2009) observa que na França, assim como na Grã-Bretanha, havia duas diferentes gerações que fizeram parte da *Nova Esquerda*. No caso francês, uma geração fez sua experiência durante a resistência na Segunda Guerra Mundial; já outra, teve sua experiência política durante a guerra de libertação da Argélia. A relação entre as duas teria resultado na negação da política e da prática da *Velha Esquerda*.

De fato, a crescente desconfiança em relação às instituições democráticas que surgiu após a Segunda Guerra Mundial e a luta contra as intervenções francesas, em conflitos coloniais e imperialistas, geraram um senso de engajamento político que se refletiria, também, em Sartre e na revista *Les Temps Modernes*. Ao que parece, o *existencialismo sartreano* foi percebido como algo libertador diante das correntes do pensamento reificado. Não por causa do existencialismo em si, mas por causa do efeito que ele teve na promoção de uma leitura aberta do marxismo em oposição à ortodoxia marxista oficial dos partidos comunistas. De acordo com Andreas von Weiss (1969), isso levou, consciente ou inconscientemente, a uma maneira diferente de pensar sobre a prática da própria esquerda: o existencialismo como uma filosofia humanista, que não nega a singularidade individual da intervenção histórica, representaria uma ruptura com a forma determinista de pensar que se encontrava presente na *VE*. Não seria exagero dizer que o **existencialismo humanista**, desenvolvido principalmente por Sartre (2014), foi uma expressão filosófica francesa do mesmo movimento histórico que proporcionou o que E. P. Thompson tornou conhecido como **humanismo socialista**, que surgiu como uma contraposição aos dogmas do socialismo real.

O caso britânico

Entre aqueles atores políticos pertencentes aos casos da *NE* europeia, uma revista, um pequeno grupo político, teve o seu nome generalizado como se fosse sinônimo da *NE* em geral – e isso apesar do fato de que tal grupo nunca ter sido o representante de um movimento nacional. Essa referida revista a *New Left Review* (*NLR*), cujo próprio nome está tão firmemente ancorado na história do pensamento de

esquerda que, quando se fala em *Nova Esquerda*, dificilmente se pode deixar de associar essa nova espacialidade política a essa revista (grupo).

Quanto às origens das correntes mais conhecidas desta espacialidade política, pode-se dizer que ela tinha duas fontes. A primeira delas surgiu do rompimento com o *Communist Party of Great Britain-CPGB* (*Partido Comunista da Grã-Bretanha-CPG*) devido aos eventos internacionais que envolveram o movimento comunista em 1956 (Hall, 2010). A segunda fonte remete um movimento estudantil crítico e rebelde que surgiu no final da década de 1950, proveniente da classe média (Artaraz, 2009). De modo geral, as expressões mais conhecidas destas fontes da *NE* no Reino Unido são, por exemplo, *The New Reasoner*, *Universities & Left Review* e *New Left Review*. Esta última, fundada em 1960, foi o resultado da fusão das duas primeiras. Tanto o *The New Reasoner* quanto o *Universities & Left Review* surgiram dos eventos de 1956.

Parte destas revistas e grupos mencionadas foram, inicialmente, organizadas em torno de intelectuais e ativistas que surgiram da primeira fonte, o *PCGB*. Pessoas como John Saville e E. P. Thompson publicaram a revista *The New Reasoner* como uma continuação da *The Reasoner*, que havia sido dissolvida em meio aos conflitos internos de tal partido. Essa revista tinha como objetivo desenvolver uma percepção não dogmática da realidade social (Saville; Thompson, 1957) – como pode ser lido em sua nota editorial de 1957, assinada por Saville e Thompson –, e também ser uma revista que publicasse poesia e ficção, conforme descrito por Dorothy Thompson, historiadora e ex-membro da revista (Thompson, 1996, p.98). A segunda fonte da *NE britânica*, por outro lado, veio de organizações estudantis de Oxford que não emergiram das fileiras do *PCGB*. Sendo, portanto, provenientes de uma experiência organizacional descentralizada e autônoma em relação aos partidos tradicionais de esquerda; uma experiência que ocorria por meio dos clubes estudantis socialistas independentes que se agrupavam em torno da *Universities & Left Review*, uma revista fundada na década do período pós-guerra “em que as ortodoxias políticas em declínio dominavam” (Hall et. al, 1957, tradução própria).

A fusão entre as duas fontes produziu a *New Left Review*, revista que existe até hoje. O que articulou essas experiências em torno da *NLR* parece ter sido, entre outras coisas, o conceito de “humanismo socialista”. De acordo com Kepa Artaraz, esse conceito foi um elemento importante para aproximar os ativistas e intelectuais comunistas (não stalinistas) da revista *The New Reasoner*, aos jovens estudantes de Oxford que eram responsáveis pela revista *Universities & Left Review* (Artaraz, 2009).

A formação da *NLR* aponta, precisamente, para aquilo que a historiadora alemã Ingrid Gilcher-Holtey (2001, p.7) salientou, ou seja, que “[a *NLR*] recebeu a tarefa de refundar teoricamente a tradição socialista e, ao mesmo tempo, mobilizá-la politicamente na prática”, o que se refletiu nas atividades da *NLR* na *Campanha pelo Desarmamento Nuclear* (CND), um movimento que Dorothy Thompson argumenta ter sido uma das mais importantes construções da *NE britânica* (Thompson, 1996). Isso estaria de acordo com as pretensões de um setor da *NE britânica* de construir a base para uma nova sociedade e desenvolver uma política que seria uma alternativa independente à Guerra Fria e ao stalinismo; uma sociedade a ser alcançada por meio da aquilo que Gilcher-Holtey denominou de “poderes compensatórios” – os quais se desenvolveriam no interior da sociedade existente, “caracterizada pela apatia em todas as suas subáreas” –, assim como por meio de uma nova “estratégia democrático-revolucionária”, a qual se daria “por meio da ação direta e da criação de uma nova consciência por meio da crítica social e da ação participativa, por meio da ‘autoatividade democrática’ e de ‘projetos comunitários’” (Gilcher-Holtey, 2001, p. 7, tradução própria).

O peso das contribuições da *NLR* e a produção teórica em torno do “humanismo socialista” ressoaram fortemente no cenário britânico. Dessa forma, sua influência chegou até mesmo ao interior de um grupo de jovens de inspiração católica, como no caso daqueles que se agrupavam em torno da *Slant* – uma revista que ficou conhecida por seu neomarxismo. Ao escreverem o *Slant Manifesto*, Terry Eagleton, Adrian Cunnigham e outros membros escreveram que a *NE* estava preocupada com “os valores, a experiência e os sentimentos subjacentes ao capitalismo e, ao fazê-lo, redefiniu um tipo de humanismo socialista – um socialismo que é vivo e responsivo, não apenas um projeto econômico ou social” (Cunningham, Eagleton et al., 1966, p. 25, tradução própria).

Na prática, essa parte da *Nova Esquerda britânica* sempre foi caracterizada pela relação de seus membros com seu próprio passado recente. Quando, em 1963, conflitos internos levaram a ruptura da *NLR*, as divergências prático-políticas geracionais pertinentes a *NE britânica* estiveram mais evidente. Isso é o que pode ser visto na descrição que Ellen Meiksin Woods fez desta *NE*, para quem uma parte desta *NE* se encontrava influenciada pelo radicalismo dos anos 1960, cujo ponto alto teria sido a “revolução de 1968”, enquanto a outra era “composta em grande parte por Comunistas Dissidentes Com Raízes Fortes E Duradouras no Movimento Trabalhista” (Meiksins

Wood, 1995, p. 24, tradução própria). As experiências da Segunda Guerra Mundial e da Frente Única, nas décadas de 1930 e 1940, foram formativas para alguns importantes nomes mais antigos da *New Left Review*, como no caso do próprio Thompson (Thompson 1996). O fato de essas experiências não terem sido vividas pelos membros mais jovens da revista, que tinham uma ideia desses acontecimentos apenas por meio da leitura sobre o passado recente, pode ter sido um dos motivos da ruptura na *NLR*. De fato, os membros mais jovens da *NLR* não estavam diretamente ligados ao movimento trabalhista e, talvez por isso, não tivessem o que Charles Wright Mills definiu como um apego a uma metafísica do trabalho (“labour metaphysic”), que a outra parte da *NLR* supostamente teria tido (Mills, 1960, p. 22).

O caso estadunidense

A *Nova Esquerda estadunidense* é tratada quase que exclusivamente como sinônimo das ações do movimento estudantil (Bozza, 2014; Jacobs & Landau, 1969). Algumas das razões para essa identificação quase automática residem em certos fatos. Em primeiro lugar, isso deve ao grande envolvimento dos jovens na política dos EUA, entre as décadas de 1950 e 1970. Sem organizações como o *Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC)*, eventos importantes do movimento pelos direitos civis, como as marchas em Selma, teriam sido impossíveis. Além disso, a maioria dos grupos da nova esquerda não surgiu do rompimento com o *Partido Comunista dos Estados Unidos (Communist Party USA)*, mas de forma relativamente autônoma, afastada da *VE*, que não conseguiu canalizar os protestos sociais da época. Outro ponto importante é a tendência discriminatória (preconceituosa) em ver a juventude branca exclusivamente como sendo a representação máxima das características da *NE dos EUA*, ignorando as experiências significativas de movimentos como o Black Power e o movimento das mulheres (Gosse, 2005b). Sobre as dificuldades do *Partido Comunista dos Estados Unidos*, Frederic Jameson apresenta alguns aspectos básicos que ajudam a entendê-las como o resultado do ataque das elites políticas e capitalistas dos EUA às antigas formas de organizações sociais, sindicais e políticas da classe trabalhadora desse país. De acordo com ele,

A esse respeito, a fusão da AFL e da CIO em 1955 pode ser vista como uma “condição de possibilidade” fundamental para o

desencadeamento da nova dinâmica social e política dos anos 60: essa fusão, um triunfo do McCarthismo, garantiu a expulsão dos comunistas do movimento trabalhista americano, consolidou o novo “contrato social” antipolítico entre as empresas e os sindicatos americanos e criou uma situação na qual os privilégios de uma força de trabalho masculina branca têm precedência sobre as demandas dos trabalhadores negros e mulheres e outras minorias. Esses últimos, portanto, não têm lugar nas instituições clássicas de uma política antiga da classe trabalhadora. Assim, eles serão “liberados” da classe social, [...] são separados das instituições mais antigas e, portanto, “liberados” para encontrar novos modos de expressão social e política (Jameson, 1984, p. 18-19, tradução própria).

Em geral, a *NE dos EUA* foi a síntese de uma realidade social, cultural e política caracterizada, por um lado, por uma forte repressão às instituições da classe trabalhadora durante a era McCarthy (Gosse, 2005a) e, de outro, por uma sociedade em que prevalecia o isolamento do indivíduo – seja em relação ao poder ou à comunidade – representando o surgimento de uma “democracia sem esfera pública”, conforme definido, em 1962, pela organização *Students for a Democratic Society-SDS* em seu manifesto, a *Port Huron Statement*, referindo-se a “uma grande massa de pessoas estruturalmente distanciadas das instituições democráticas e psicologicamente hesitantes” eram “progressivamente menos acessíveis aos poucos que aspiram a uma participação séria nos assuntos sociais” (SDS, 1964, p. 12, tradução própria).

Entre as organizações associadas à *NE dos EUA*, destacam-se a *SNCC* e a *SDS*. Ambas surgiram em 1960 e desenvolveram atividades para os setores mais oprimidos deste país. O engajamento com esse grande grupo de atores sociais rotulados como “oprimidos” significava que ambas as organizações estavam diretamente envolvidas na luta do movimento pelos direitos civis em território nacional, bem como na luta dos povos do Terceiro Mundo e nos movimentos de libertação internacionais (Ebbinghaus, 2009). Em geral, a *NE estadunidense* desenvolveu sua prática de forma muito acentuada no campo das questões democráticas, relacionadas a uma grande parte da população dos EUA – negros, mulheres, lésbicas, gays, etc. Isso pode não parecer tão radical hoje em dia, mas durante as décadas de 1950, 1960 e 1970 significava “um profundo desafio à autoridade estabelecida dos brancos, dos homens, do governo e da heterossexualidade normativa” (Gosse, 2005a, p. 2, tradução própria). Inicialmente, as organizações da *Nova Esquerda* dos EUA usaram métodos não violentos de luta. De certa forma, foi daí que surgiu o sucesso dessa *NE* na luta pelo estabelecimento de uma sociedade radicalmente nova. Os *sit-ins*, *teach-ins* e *freedom*

rides tornaram visíveis dentro e fora das universidades as ideias e os motivos pelos quais essas organizações estavam lutando: por uma nova política, por um humanismo ético e existencial, contra o racismo e todas as formas de discriminação, por uma transformação radical da sociedade, por direitos iguais, uma democracia totalmente participativa e uma integração social (“racial”) não subordinada (Carmichael, 1967; SDS, 1964; Bozza, 2014).

Com o passar do tempo, durante as décadas de 1960 e 1970, as formas não violentas de ação passaram a conviver com as formas violentas de luta. Ora, surgiram novas organizações que não aderiam mais ao já convencional repertório político da não-violência, seja como forma de defesa ou como forma de protesto. Exemplos disso foram o *Movimento Revolucionário da Juventude (Revolutionary Youth Movement-RYM)*, que logo se transformou no *Weathermen* (Artaraz, 2009), e a mais importante dessas organizações, o *Partido dos Panteras Negras*. Esse último foi fundado em 1966 como uma reação contra as ações do Estado discriminador, da violência da polícia dos grupos racistas de supremacia branca, como a conhecida organização supremacista *Ku Klux Klan (KKK)*, que se opunha abertamente ao movimento pelos direitos civis.

No caso da *Nova Esquerda dos EUA* a relação entre as formas de ação violentas e não-violentas foi o resultado de uma reinterpretação e de um redesenvolvimento do próprio campo da política, a qual passou a ser vista como sendo feita para a ação, fosse ela violenta ou não. A nova espacialidade política não adotava uma atitude respeitosa em relação a um poder opressor e racista que realizou uma guerra brutal no Vietnã e desenvolveu uma série de interferências imperialistas no continente latino-americano, seja por meio do uso da CIA, ou de outros setores do aparato estatal que apoiavam as mais perversas ditaduras “no quintal” dos Estados Unidos (“America's Backyard”).

A capacidade de mobilização da *NE* de tal país refletia, em muitos aspectos, as formas de ação dos povos do Terceiro Mundo que foram responsáveis pela criação de vários movimentos de libertação. Quando a ofensiva Tet foi realizada em janeiro de 1968, houve uma forte agitação no movimento Black Power, que mobilizou milhares de jovens negros em todo o país naquele ano. O mesmo aconteceu com o movimento de liberação das mulheres (Katsiaficas 1987).

No campo teórico, pode-se dizer, em linhas gerais, que a *NE estadunidense* era devedora de várias tendências que se expressavam em diferentes autores. Marx, bem como Mao, Marcuse, Erich Fromm e C. W. Mills foram referências para a formação do pensamento dessa espacialidade política. Esses autores contribuíram de diferentes

maneiras para a criação de uma imagem comum, que pode ser resumida da seguinte forma: valorização do papel do indivíduo na história a partir de um novo tipo de humanismo (SDS 1964); as mudanças estruturais da sociedade estadunidense não seriam tarefa apenas da classe trabalhadora, de modo que outros setores sociais também desempenhariam um papel importante nela (Marcuse, 1967; Mills, 1960); atividade política ativa de rompimento com a apatia social (Mills, 1960; SDS, 1964) e crítica da alienação em suas mais variadas formas (Jacobs & Landau, 1969; Weiss, 1969). A partir dessas coordenadas, por exemplo, é possível entender o significado radical que a ideia do *Black Power* (Carmichael, 1967) adquiriu para uma *new left* que se caracterizava fortemente pelo entrelaçamento da luta de classes, luta anti-racista e anti-colonial. Esse **poder negro**, como uma expressão ativa da consciência de parte da população negra, não-branca, e dos trabalhadores negros, até então marginalizados, explorados e perseguidos, representou para eles a possibilidade de participar ativamente da transformação radical de suas condições de vida.

Acerca da Nova Esquerda a partir de Thompson e Marcuse

Em *The New Left*, texto publicado na revista *The New Reasoner* em 1959, E. P. Thompson descreveu a *NE* como um tipo de fenômeno político que se desenvolve em escala internacional. De fato, essas considerações já estavam contidas em seu texto de 1957, intitulado de *Socialist Humanism: An Epistle to the Philistines*, assim como em em outro texto de 1958, *Agency and Choice - I: A Reply to Criticism*. O último desses trabalhos (*Agency and Choice*) foi publicado originalmente em resposta às críticas ao *Socialist Humanism*. Em sua contestação, Thompson relatou como os socialistas ocidentais testemunharam revoltas que tinham características semelhantes às do mundo comunista. Ele escreveu – em uma alusão indireta aos eventos da invasão da Hungria pelo Exército Vermelho e a conquista do Canal de Suez pelas potências imperialistas europeias – que a experiência do “comunista dissidente” era, de certa forma uma experiência vivida também pelo “socialista de esquerda na Grã-Bretanha” (Thompson, 1958). Por essas razões, Thompson afirmou que a *NE* pode ser percebida reconhecendo-se o importante ponto em que o impulso comunista dissidente e a tradição socialista da esquerda ocidental convergem com essa nova geração do pós-guerra (Thompson, 1959, p. 9).

Para ele, não seria fácil, naquela época, apresentar um conjunto coeso de ideias que caracterizariam a Nova Esquerda mundialmente pois, de acordo com suas análises, ela estava em formação e se manifestava em diferentes áreas, desde publicações e grupos políticos até debates informais e ambientes acadêmicos. Entretanto, seria possível reconhecer padrões no “revisionismo” comunista após 1956, como a valorização do humanismo e a rejeição do dogmatismo. Tais tendências se referiam mais à superação de ideias antigas do que à criação de novos paradigmas. O aspecto fundamental, segundo ele, seria a convergência entre o pensamento comunista dissidente, a tradição socialista ocidental e as perspectivas da geração do pós-guerra. É nessa confluência que surgiu a *NE*, representando uma síntese única de diferentes correntes ideológicas e experiências geracionais (Thompson, 1959, p .8-9).

Ainda segundo Thompson, seria sensato que a *NE* não se envolvesse em conflitos internos prejudiciais pois, uma vez que ela se envolvesse em disputas entre facções, o resultado provável não seria a unificação do movimento socialista, mas sua maior divisão. Além disso, esses conflitos poderiam aumentar a distância entre a geração do pós-guerra e o movimento como um todo (Thompson, 1959, p. 15). Ora, esta recomendação baseava-se em fatos concretos. Thompson, um experiente ativista e intelectual que havia lutado contra o fascismo na Itália durante a Segunda Guerra Mundial, percebeu, pelos motivos que o levaram a romper com a *Velha Esquerda*, que certos erros deveriam ser evitados. Alguns deles eram justamente a fragmentação e a distância que as lutas faccionalistas da *VE* implicavam em sua relação com a classe trabalhadora e a outros setores sociais. Evitar esse faccionalismo seria uma condição essencial para a “renovação de uma tradição de associação aberta, educação socialista e atividade centrada em todo o povo”, necessária para a construção de um **socialismo a partir de baixo** que a *NE* deveria construir.

Ela [NE] romperá com os fetiches administrativos da tradição fabiana e insistirá que o socialismo só pode ser construído de baixo para cima, apelando totalmente para as iniciativas do povo. Insistirá que o Movimento Trabalhista não é uma coisa, mas uma associação de homens e mulheres; que os trabalhadores não são receptores passivos de condicionamentos econômicos e culturais, mas são seres intelectuais e morais. Contra os Establishments of Power, da Ortodoxia e das Instituições, ela apelará às pessoas por meio de argumentos racionais e desafios morais. Ela se oporá ao materialismo filisteu e ao anti-intelectualismo da Velha Esquerda apelando para a totalidade dos interesses e potencialidades humanas e construindo

novos canais de comunicação entre os trabalhadores industriais e os especialistas em ciências e artes (Thompson, 1959, p. 16, tradução própria).

A jovem formação da *NE britânica*, que ainda estava dispersa em clubes, jornais, grupos etc., não deveria seguir um caminho que levasse à fragmentação de suas forças. O confronto com o que ele chamou de *The Establishment of Institutions* (Thompson, 1959) exigia um distanciamento das disputas faccionais como condição indispensável para o desenvolvimento do **socialismo a partir de baixo**, como uma construção de “associação voluntária” de iniciativa popular que a *Nova Esquerda* deveria ter como perspectiva. Em seu ideário político, a ideia de um “socialism from below” resulta, em parte, da rejeição das formas rígidas dos aparatos partidários da *VE*, que se tornaram órgãos administrativos burocráticos, sem participação popular. Por outro lado, a ideia de um **socialismo a partir de baixo** estava intimamente ligada à ideia de **humanismo socialista**. Ora, é importante notar que, ainda que esse conceito tenha surgido “simultaneamente em uma centena de lugares e em dez mil lábios”, sendo algo que era “expresso por poetas na Polônia, Rússia, Hungria e Tchecoslováquia; por delegados de fábricas em Budapeste; por militantes comunistas do oitavo congresso do Partido Polonês”, bem como por “mulheres e homens que saíam da prisão e dos parentes e amigos daqueles que nunca saíram”, e ainda que Thompson não pudesse dizer com certeza, em 1995, quem primeiro o transformou em um “lema da oposição libertária comunista em 1956”, ele estava convencido de que a revista/grupo *The New Reasoner* foi responsável por sua disseminação, em “algumas partes do mundo de língua inglesa” (Thompson, 1995, p. 175, tradução própria).

Em seu texto *Socialist Humanis*, encontramos o argumento de que a *Velha Esquerda* estaria caracterizada por uma espécie de “filistinismo”, o que – longe de ser qualquer racismo contra os filisteus – significava que tanto os comunistas quanto os social-democratas estavam envolvidos em uma relação na qual ações e respostas eram dadas de forma corriqueira, ou seja: a *VE* estava presa a um círculo vicioso de hábitos (práticas) e modos de pensar que não apenas consideravam as aparências e as opiniões como verdades, mas também consideravam o estado de coisas existente como inevitável. Uma das consequências dessa atitude da *Velha Esquerda* teria sido, segundo Thompson, negar parcialmente a importância do papel da **agência** dos indivíduos na história. Dessa forma, a importância do conceito de **humanismo socialista** pode ser entendida como

[...] uma revolta contra a ideologia, a falsa consciência da elite burocrática, e uma luta para alcançar uma autoconsciência verdadeira (“autêntica”); dessa forma, ela se expressa na revolta contra o dogmatismo e o anti-intelectualismo que o alimenta. Em segundo lugar, é uma revolta contra a desumanidade - o equivalente ao dogmatismo nas relações humanas e na conduta moral - contra as atitudes administrativas, burocráticas e distorcidas em relação aos seres humanos. Em ambos os sentidos, ele representa um retorno ao homem: das abstrações e formulações escolásticas aos homens reais; dos enganos e mitos à história autêntica; e assim o conteúdo positivo dessa revolta pode ser descrito como “humanismo socialista”. É humanista porque coloca mais uma vez homens e mulheres reais no centro da teoria e da aspiração socialista, em vez das abstrações retumbantes - o Partido, o marxismo-leninismo-stalinismo, os dois campos, a Vanguarda da Classe Trabalhadora - tão caros ao stalinismo. É socialista porque reafirma as perspectivas revolucionárias do comunismo, a fé nas potencialidades revolucionárias não apenas da raça humana ou da ditadura do proletariado, mas de homens e mulheres reais (Thompson, 1957, p. 109, tradução própria).

Alguns anos depois das publicações de Thompson sobre a *NE* na revista *New Reasoner*, Herbert Marcuse, outro importante ativista e intelectual dessa espacialidade política falou em sua palestra no Audimax da Universidade Livre de Berlim que a *Nova Esquerda* só podia ser considerada dentro de uma estrutura global (Marcuse, 1967, p. 47). Em outra oportunidade, em 1975 em uma palestra na Universidade da Califórnia, este filósofo alemão disse que a *NE* estava geralmente à esquerda dos partidos comunistas e que ela havia contribuído para uma nova definição de “revolução” (Marcuse, 1979, p. 3).

Em razão de sua popularidade e identificação com a *NE*, Marcuse foi convidado inúmeras vezes para falar deste fenômeno político. Durante o turbulento ano de 1968, ministrando uma palestra no 20º aniversário da revista *The Guardian*, a qual foi publicada sob o título *Die Unterschiede zwischen alter und neuer Linker* (também conhecida como *Zur Situation der Neuen Linken*), ele tratou da *NE* e para tanto fez uso de três palavras-chave (estratégia, método e organização da *NE*) que foram apresentadas ligadas ao conceito de “socialismo libertário”, um projeto de superação das sociedades capitalistas, o qual, porém, não era identificado nem com o modelo stalinista nem com o pós-stalinista. Ora, de acordo com Marcuse, o “socialismo libertário” e também a “revolução” teriam de ser articulados com práticas que preparem hoje o *neuer Mensch* (novo humano). Essa demanda feita por Marcuse pode

ser definida como **práticas político-prefigurativas**, mesmo que só possa ser realizada em nível menor e mais local (Marcuse, 2004, p. 105-106.).

A construção de um tal **socialismo libertário** não seria fácil, nem estaria livre de obstáculos, dos quais um deles era o fato de que a *NE* precisaria de muito apoio para implementar suas políticas. Porém, a principal força social e política, a classe trabalhadora, que historicamente era identificada com a mudança radical da sociedade, parecia estar integrada à estrutura capitalista, especialmente nos EUA (Marcuse, 1998, p. 49). Em sua opinião, esse fato era um dos maiores desafios para a *Nova Esquerda*. Além disso, para construir o **socialismo libertário**, a *NE* teria que superar aquilo que Marcuse identificou como sendo um modelo antigo, uma estratégia ineficiente, isto é, a tomada do poder (Marcuse, 2004, p. 108). Para tanto, ele propôs a implementação de formas difusas e descentralizadas de luta, a serem aplicadas em nível local e regional. Parece que essa proposta de descentralização era uma maneira de evitar, por um lado, a construção de um aparato de repressão que se opõe à construção dos de baixo e, por outro lado, a rejeição prática do centralismo democrático (Marcuse, 2004).

Em geral, as observações deste filósofo alemão estavam baseadas na prerrogativa de que a construção de uma nova sociedade deveria ser caracterizada pela construção prefigurativa do *neuer Mensch*, coisa que Marcuse deu novamente atenção no texto *Theorie und Praxis*, resultado de uma palestra dada, em Frankfurt am Main em junho de 1974. Nesse trabalho, à luz da experiência da *NE* internacional, ele pretendeu ampliar a concepção marxista de “revolução”, entendida como um salto qualitativo. A leitura de seu texto revela que a “revolução” também deve ser entendida como um todo complexo, no qual uma prática preparatória, ainda sob o capitalismo, deve ser realizada como parte central do salto:

Uma data historicamente nova (pelo menos desde a década de 1960) é a experiência de que esse conceito de transformação qualitativa não diz respeito apenas ao desenvolvimento pós-revolucionário, mas já deve ser integrado à prática preparatória sob o capitalismo tardio, para que a revolução não se afunde novamente em uma transformação quantitativa. Esse é o significado político das exigências e dos experimentos morais e estéticos da Nova Esquerda: proteção ambiental, comunas [Kommunen], trabalho comunitário [Gemeinschaftsarbeit], etc. Essas são passos preparatórios – antecipando um estágio posterior de radicalização, portanto, em grande parte isoladas, deformadas, cooptáveis, facilmente suprimidas. [...] Como tais, entretanto, elas antecipam, na prática,

formas de trabalho não alienado [nicht-entfremdeter Arbeit], de uma relação humana solidária entre o corpo e seu ambiente: a experiência e o manuseio da matéria além de sua forma de mercadoria, além de sua existência como objetos (Marcuse, 1975, p. 27-28, tradução própria).

Mesmo que a *Nova Esquerda* não tenha tido um programa unificado, as contribuições de Thompson e Marcuse nos ajudam a pensar em um campo de ideias comuns dessa espacialidade política, permitindo que se possa estabelecer marcos ideológicos, especialmente da *NE europeia e estadunidense* naquele período.

Considerações finais

Visando trazer as experiências e ideias da *Nova Esquerda europeia e estadunidense* – que existiu entre as décadas de 1950 e 1960 – para o contexto brasileiro atual e contribuir para o campo dos estudos sociais, políticos e históricos sobre a esquerda em geral, este artigo inicialmente apresentou a unidade de análise de **espacialidade política**, como adequada para a representação e compreensão do objeto de estudo “Nova Esquerda”. E, isso é importante destacar porque o uso desta unidade de análise nos permitiu evitar as armadilhas metodológicas de apresentar a *Nova Esquerda* em meio a uma busca interminável de novidade pela novidade em si mesma. Por outro lado, o uso dessa unidade de análise evita que caiamos na perigosa armadilha de reduzir a *NE* a atribuições biológicas e atribuições histórico-transitórias de tipo econômico, social, político, cultural e geográfico (ser branco, ser jovem, ser estudante, ser europeu etc.).

Em seguida, foram trazidos à luz alguns aspectos históricos relevantes para a formação e desenvolvimento da *NE* em nível internacional. Ora, esse tratamento dos elementos históricos se fez como primordial para compreender como determinados processos e dinâmicas estruturais e institucionais, político-econômico-sociais condicionaram o surgimento dessa nova espacialidade política, até o final da década de 1960. Depois de uma tal empreitada de reconstrução histórica, realizamos uma abordagem da *NE* baseando-se nos casos francês, britânico e estadunidense. Como vimos neste artigo, houve um intercâmbio estreito entre a *Nova Esquerda* francesa e a britânica. O surgimento paralelo de ambas foi marcado por eventos globais que impactaram as ortodoxias da *Velha Esquerda*, de forma a causar fraturas internas nos partidos comunistas e social-democratas, dando origem a muitas das primeiras formas

organizativas da *NE* nesses lugares, as quais se consideravam parte de uma terceira posição, um terceiro caminho no espectro da esquerda em geral.

Baseando-se nas reflexões de autores como Stuart Hall, Claude Bourdet e, sobretudo, nas contribuições de E.P. Thompson e Herbert Marcuse expostas, foi possível apresentar aqui uma compreensão geral da *NE europeia e estadunidense*, segundo a qual, ela buscou desenvolver uma política fora dos registros práticos e teóricos da *Velha Esquerda*, apontando assim para uma visão teórica de que, por exemplo, o socialismo (a partir de baixo ou libertário) não é um movimento imposto *a posteriori*.

A título de conclusão, a partir do exposto no presente artigo, é possível enumerar algumas das coordenadas político-ideológicas, aspectos-chave desta *Nova Esquerda*, as quais, de modo geral, podem ser resumidas da seguinte forma: a) rejeição da ideia de um caminho predeterminado para o comunismo com etapas fixas a serem percorridas para sua realização; b) a ideia de que práticas prefigurativas deveriam contribuir para o processo revolucionário ainda em épocas em que não há crise revolucionária, funcionando como contraponto a alienação existente em vários campos da vida cotidiana; c) a ideia de um **humanismo socialista** que enfatizava não apenas o papel do indivíduo como ator na história, mas também sua responsabilidade como ser humano no desenvolvimento do processo revolucionário; d) a revitalização da teoria socialista como um **socialismo a partir de baixo** e **socialismo libertário** baseado na perspectiva da associação voluntária (política e economicamente) e de **práticas prefigurativas**.

Por fim, destacamos que as análises históricas do conteúdo programático das inúmeras organizações pertencentes à espacialidade política da *Nova Esquerda europeia e estadunidense* não foram levadas em consideração.

Referências

ANDERSON, Perry. *Arguments Within English Marxism*. London: NLB, 1980.

ANTUNES, Ricardo. A “Terceira Via” de “Tory” Blair: a outra face do neoliberalismo inglês. *Revista Outubro*, n.3, 1999.

ARTARAZ, Kepa. *Cuba and Western Intellectuals since 1959*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

BARKER, Colin. “O movimento como um todo”: ondas e crises. *Revista Outubro*, n.22, 2º semestre de 2014.

BENSAÏD, Daniel; WEBER, Henri. *Mai 1968: une répétition générale*. Paris: François Maspero, 1968.

BERGER, Stefan; CORNELISSEN, Christoph (Ogs.). *Culturas históricas marxistas y movimientos sociales en la Guerra Fría: Estudios de caso de Alemania, Italia y otros estados de Europa Occidental*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2021.

BOURDET, Claude. The French Left. Long-run trends. *Universities & Left Review*. London: Universities and Left Review Club, n.1, p.13-16, 1957.

BOZZA, Juan Alberto Domingo. Del Campus a las calles. La nueva izquierda norteamericana: singularidades y analogías con las experiencias latinoamericanas. In VIII Jornadas de Sociología de la UNLP, 3 al 5 de diciembre de 2014, Ensenada, Argentina. En Memoria Académica. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.4336/ev.4336.pdf Acesso em: 03 out. 2023.

CARMICHAEL, Stokely. El poder negro. *Pensamiento Crítico*. Habana: Centro de Estudios Latinoamericano, n. 4, p.165-176, 1967.

CARRERAS, Julio. *La política armada. Una historia de los movimientos revolucionarios argentinos, desde los Uturuncos y el FRIP, hasta el ERP y Montoneros (1959-1976)*. Santiago del Estero: Quipu Editorial, 2003.

CLAUDIN, Fernando. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CUNNINGHAM, Adrian.; EAGLETON, Terry. et al (Ogs). *Slant Manifesto - Catholics and the Left*. London: Sheed And Ward, 1966.

EBBINGHAUS, Angelika. Gab es ein globales »1968«?. In: BIRKE, Peter (Org.): *Alte Linke - Neue Linke? Die sozialen Kämpfe der 1968er Jahre in der Diskussion*. Berlin, Reihe: Texte/ Rosa-Luxemburg-Stiftung; Bd. 57, p.17-28, 2009.

ELEY, Geoff. *Forging democracy: The history of the Left in Europe, 1850–2000*. New York: Oxford University Press, 2002.

GILCHER-HOLTEY, Ingrid. *Die 68er Bewegung Deutschland – Westeuropa – USA*. München: Verlag C.H. Beck, 2001.

GOSSE, Van. *The Movements of the New Left, 1950-1975. A Brief History with Documents*. Boston: Bedford/St. Martin's, 2005a.

_____. *Rethinking the New Left: an interpretative history*. New York: Palgrave Macmillan, 2005b.

GÖTZE, Susanne. Die „Parti socialiste unifié“ (PSU) in den 1960er Jahren. Eine sozialistische Neukonzeption jenseits von SFIO und PCF als ‚Dritter Weg‘ im Kalten

- Krieg. In: Friedrich-Ebert-Stiftung (Org.). *Archiv für Sozialgeschichte*. Bonn: Verlag J.H.W. Dietz Nachf. Band 53, 2013.
- HALL, Stuart. et al. Editorial. *Universities & Left Review*. London: Universities and Left Review Club, n.1, p.1-2, 1957.
- HALL, Stuart. Life and Times of the First New Left. *New Left Review*. London: New Left Review, n.61, p.177-196, jan-feb. 2010.
- HILB, Claudia; LUTZKY, Daniel. *La nueva izquierda argentina, 1960-1980: política y violencia*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1984.
- HOBBSAWM, Eric. *The short twentieth century 1914-1991*. London: Abacus, 1995.
- JACOBS, Paul; LANDAU, Saul (Ogs.): *Die Neue Linke in den USA*. Analyse und Dokumentation. München: Carl Hanser Verlag, 1969.
- JAMESON, Fredric. Periodizing the 60s. *Social Text*. Durham: Duke University Press, n.9/10, p. 178-209, Spring-Summer, 1984.
- KATSIAFICAS, George. *The Imagination of the New Left: A Global Analysis of 1968*. Cambridge (Massachusetts): South End Press, 1987.
- MARCUSE, Herbert. *Das Ende der Utopie*. Berlin: Verlag v. Maikowski, 1967.
- _____. *Zeit-Messungen. Drei Vorträge und ein Interview*. Frankfurt Am Mai: Suhrkamp Verlag, 1975.
- _____. The Failure of the New Left? *New German Critique*. Durham: Duke University Press, n.18, Autumn, pp. 3-11, 1979.
- _____. *Der eindimensionale Mensch. Studien zur Ideologie der fortgeschrittenen Industriegesellschaft*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1998.
- _____. Die Unterschiede zwischen alter und neuer Linker. In: *Nachgelassene Schriften Band 4. Die Studentenbewegung und ihre Folgen*. Springe: Klampen Verlag, 2004.
- MEIKSINS WOOD, Ellen. A Chronology of the New Left and Its Successors, Or: Who's Old-Fashioned Now? *Socialist Register*. London: Merlin Press Ltd, n.31, p.22-49, jan. 1995.
- MICAUD, Charles A. The "New Left" in France. *World Politics*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, Vol. 10, n. 4 p.537-559, jul. 1958.
- MILLS, Charles Wright. Letter to the New Left. *New Left Review*. London: New Left Review, n.5, p.18-23, sep-oct. 1960.
- RUCHT, Dieter. *Kollektive Proteste und soziale Bewegungen - Eine Grundlegung*. Weinheim: Beltz Juventa, 2023.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia*

Crítica. São Paulo: edusp, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SAVILLE, John.; THOMPSON, E. P. Statement in Response to Suspension. In SAVILLE, J. Edward Thompson, the Communist Party and 1956. *Socialist Register*. London: Merlin Press Ltd, n.30, p.20-31, mar. 1994

_____. Editorial. *The New Reasoner*. London, number 1, p.2-3, 1957.

SCHILDT, Axel. Vor der Revolte: Die sechziger Jahre. *Aus Politik und Zeitgeschichte* „Die 68er-Generation“, B 22-23/2001, p.7-13, 26.05.2002, Disponível em: <http://www.bpb.de/apuz/26237/vor-der-revolte-die-sechziger-jahre>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SINGER, Daniel. Notes on the French left since 196. *Socialist Register*. London: Merlin Press Ltd, n.8 p.225-244, mar. 1971.

Students for a Democratic Society (SDS): *The Port Huron Statement*. New York: Students for a Democratic Society 1964.

TERÁN, Oscar. *Nuestros años sesentas. La formación de la nueva izquierda intelectual en la Argentina 1956-1966*. Buenos Aires: Puntosur, 1991.

THOMPSON, Dorothy. On the Trail of the New Left. *New Left Review*. London: New Left Review, n.215, p.93-100, jan-feb.1996.

THOMPSON, E.P. Socialist Humanism. *The New Reasoner*. London, number 1, p.105-143, summer, 1957.

_____. Agency and Choice - I: A Reply to Criticism. *The New Reasoner*. London, number 5, p.89-106, summer 1958.

_____. The New Left. *The New Reasoner*. London, number 9, p.1-17, summer, 1959.

_____. *The Poverty of Theory: or an Orrery of Errors*. London: Merlin Press, 1995.

TORTTI, María Cristina. Protesta social y ‘nueva izquierda’ en la Argentina del Gran Acuerdo Nacional. In: Pucciarelli, A. (et al.): *La primacía de la política. Lanusse, Perón y la Nueva Izquierda en tiempos del GAN*. Buenos Aires: Edudeba, 1999.

TORTTI, María Cristina. El viejo partido socialista y los orígenes de la nueva izquierda (2007) (507 páginas). Tesis doctoral. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Disponível em: <http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.259/te.259.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2022.

VELEN, Victor A. The New Left in France. *Foreign Affairs*. New York City: Council on Foreign Relations, Vol. 40, n.1, p.71-85, oct., 1961.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *A revolução vietnamita: da libertação nacional ao socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

WEISS, Andreas von. *Die neue Linke. Kritische Analyse*. Boppard am Rhein: Harald Boldt Verlag, 1969.